

## VIII.b) Paixões – todos os níveis

### Metodologia(s)

A análise das Paixões em Semiótica não possui ainda uma metodologia estrita, não apenas por ser um estudo relativamente recente (o livro que a fundou, *Semiótica das Paixões*, de Greimas e Fontanille, data de 1991), mas também por sua complexidade, já que as paixões são efeito de diferentes combinações intra e inter níveis, ora simultâneas, ora em sequência.

Por este motivo, neste manual estou propondo um percurso de análise que nada mais é do que apenas mais uma proposta, calcada em outras e trazendo suas próprias novidades, sem ser exaustiva nem fechada e, muito menos, um modelo exemplar. Evidentemente que, se o exame das paixões semióticas via Módulo de Semiótica do *AS* for atrelado a esta proposta de forma determinante, não teremos um software adequado para a maioria dos Semioticistas.

Deixar as Paixões para o final, portanto, foi uma forma de ganhar tempo para a escrita, mas também não poderia ser de outra forma, já que a análise das Paixões... deixemos falar seus autores:

“As paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos de sentido muito particulares; ele exala como que um cheiro confuso, difícil de determinar. A interpretação que a Semiótica reteve é que esse perfume específico emana da organização discursiva das estruturas modais. Passando de uma metáfora à outra, poder-se-ia dizer que esse efeito de sentido provém de certo arranjo molecular: não sendo propriedade de nenhuma molécula em particular, ele resulta de sua disposição do todo. Uma primeira constatação impõe-se: a sensibilização passional do discurso e sua modalização narrativa são co-ocorrentes, não se compreendem uma sem a outra, e, no entanto, são autônomas, submissas provavelmente, ao menos em parte, a lógicas diferentes.” (GREIMAS, FONTANILLE, 1993, p. 21)

A leitura da Epistemologia das Paixões, nome do capítulo que se inicia com a citação acima, é extremamente reveladora e muito importante: todo semioticista deveria, em algum momento de sua carreira, debruçar-se sobre ela e refletir a práxis semiótica baseando em suas ideias ousadas, das quais provém, como exemplo relevante, a *Semiótica Tensiva*, uma “primeira projeção do mundo enquanto tensividade fórica” levando-nos a “tentar reduzir esse hiato entre o *conhecer* e o *sentir*” (GREIMAS, FONTANILLE, 1993, pp. 21-22). Mas esse capítulo não deve ser o ponto de partida para o estudante de semiótica: fizemos questão de citá-lo por sua relevância e para deixar guardada na memória do estudante a necessidade de, um dia, voltar a ele. Se quiser estudar o livro, comece pelo capítulo 2, *A propósito da Avareza*, siga até o final e, então, volte ao início, para conhecer as reflexões epistemológicas já dotado de conhecimento suficiente para compreendê-las. Antes disso, vale a pena espiar outros estudos, como “Paixões e Apaixonados” e a análise de Saudosa Maloca (TATIT, 2001), especialmente as páginas 33-36, dentre vários outros.

### A polêmica das duas páginas

Nossa incursão pelas paixões teve como contexto um estudo interdisciplinar entre semiótica e fonética acústica, o qual visava buscar parâmetros semióticos para a análise da inicialmente

chamada de emoção na voz (MATTE, 2002). Estudos interdisciplinares comumente esbarram com o problema da nomenclatura, e este não foi diferente. Palavras como “tempo” e “emoção” possuem significados até mesmo incompatíveis nessa interface teórica. Para evitar problemas, assumimos que a Semiótica trabalharia com a temporalidade, para não confundir com duração de segmento, andamento e velocidade de fala, da Fonética Acústica. Quanto às emoções, fomos buscar no supra-citado Semiótica das Paixões um conceito semioticamente coerente.

O que encontramos foi um desenho, que os autores humildemente chamaram de “esboço” e ao qual trataram como uma sequência, quando, de fato, só tem sentido como sequência gerativa, não temporal. Chamaram a isso de esquema patêmico (GREIMAS, FONTANILLE, 1993, pp. 155-156).

Acontece que este esquema é tão revolucionário que mexe com inúmeras noções do senso comum, que transitam no escopo teórico da Semiótica por sua nomenclatura ambígua. A primeira noção estratégica, que nos era, então, particularmente essencial à pesquisa de doutorado (MATTE, 2002), é a de que *emoção* e *paixão* não significam a mesma coisa. Emoção é, nas palavras dos autores, “manifestação patêmica, (...) cuja aparição no discurso assinala que a junção tímica está cumprida, dando a palavra ao corpo próprio” (GREIMAS, FONTANILLE, 1993, p. 155). Já a paixão no discurso é um “encadeamento de atos patêmicos”, o qual interfere no “discurso de acolhida – a vida enquanto tal, de alguma forma – e perturba-lo ou infleti-lo” (GREIMAS, FONTANILLE, p.50). A Paixão é, portanto, discursiva, manifestada por meio de programas e encadeamentos, enquanto a emoção é a irrupção “do somático na superfície do discurso”, uma perturbação perceptível, o comportamento observável, de cuja moralização resulta a nomeação da paixão pelo observador-moralizador (GREIMAS, FONTANILLE, 1993, pp. 154-156).

Enquanto a Paixão é um percurso, a Emoção é o conjunto de rupturas aos padrões observáveis que chama a atenção do observador por sua não conformidade com o padrão cultural e socialmente aceito. Assim, a emoção que aparece na fala não é a paixão, mas os distúrbios frente a padrões esperados (como duração intrínseca de segmentos e velocidade de fala) que deixam entrever, pela estranheza aos padrões, a constituição semiótica do sujeito apaixonado. Esses distúrbios não significam nada se aparecerem num outro quadro sócio-cultural em que os padrões os englobam. E somente darão ao sujeito o estatuto de apaixonado caso sobre este comportamento percebido seja moralizado como anormal por um sujeito-moralizador, que pode ser textualizado de muitas formas diferentes, por exemplo, a própria sociedade.

É por esse motivo que a emoção entra no Módulo de Semiótica como uma das categorias de análise das Paixões, a ser retomada oportunamente.

## **Sujeitos apaixonados**

Falar em paixão, na semiótica, não se restringe ao campo do fascínio pela pessoa amada; tampouco, felizmente, no dicionário de Língua Portuguesa. Mesmo assim, quando falamos em paixão, falamos de sujeitos, imersos numa cultura, aos quais se infligiram afetos, dotados de diferentes graus e tipos de confiança no outro. Também na Semiótica trata-se de uma relação entre sujeitos e a Dimensão Cognitiva do Nível Narrativo dedica-se justamente a esse tipo de relação.

Na etapa de Manipulação, o contrato só será fechado se o Destinatário *acreditar* (confiar) que o Destinator detém um dado saber ou poder. O que acontecerá se, após fechar o contrato e cumpri-lo, o Destinatário descobrir que era mentira, que o Destinator não *pode* recompensá-lo ou não acreditava no quadro de valores em que seu *saber* era negativo ou positivo? Se espiarmos o que foi dito sobre a categoria Sanção da sanção, veremos que se trata de uma categoria aberta: ela só será terminativa se a sanção da sanção for positiva, do tipo “viveram felizes para sempre”, ou seja, nada mais há que nos possa interessar. Deveríamos, então, tratar a Sanção da Sanção negativa como incoativa? Não necessariamente.

É o texto quem vai nos dar essa indicação do que há nessa categoria aberta. Decepção? Sim, que poderia ser o elemento incoativo para uma revolta, num percurso em que, saindo da decepção, passa pela aflição (da manutenção da falta, que, enquanto o contrato parecia que seria cumprido, era espera, certeza de conjunção), em seguida pelo desespero (por não encontrar uma solução razoável) e chegando finalmente na revolta: uma paixão complexa, cuja sequência combina paixões simples (pois não baseiam-se em percursos) a qual, em muitos textos, é a grande motivadora da ação. Ou temos uma frustração, outra paixão complexa, em que S1 revolta-se contra S2, que não propiciou-lhe o objeto desejado.

A verdadeira resposta está no texto. Mas não estamos despreparados para isso: podemos lançar mão de muitos recursos semióticos presentes em etapas de análise anteriores (considerando-se a sequência aqui proposta, no tópico IV, fique claro) para delinear a face (ou as faces) da paixão em jogo em determinado texto. E é bom esclarecer também que, como qualquer outro elemento semiótico de construção do sentido, a paixão vai aparecer muito mais em um texto do que em outro, podendo ser até irrelevante sua análise.

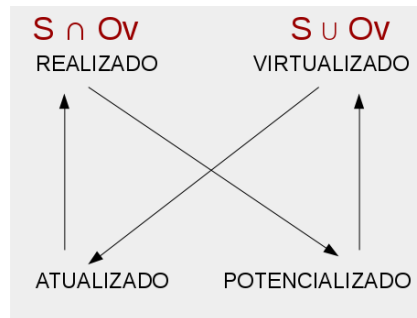
## Imagem-fim

A rigor, toda Ação, no Nível Narrativo, possui uma imagem-fim, o resultado de um fazer levando à conjunção com um objeto ou o resultado de uma transformação do próprio ser do Sujeito. Assim, a imagem-fim é a antevisão da posição de Sujeito Realizado. Por exemplo, um sujeito que consegue se atualizar, mudando, portanto, o estado de disjunção com o objeto para não-disjunção, poderia parar aí sem nenhum problema, se fosse somente uma questão de modalização para uma transformação de estado. Mas ele espera a realização. Ele confia que vá se concretizar. Parar antes da conjunção, então, certamente causará mudança no seu estado de alma. Ou seja, a análise exclusiva do Nível Narrativo não necessita trabalhar com a noção de imagem-fim, mas para o estudo das paixões essa noção é essencial.

Esse perfume do qual falavam Greimas e Fontanille (1993, p. 21) é o que dá ao esquema de cada Nível do Percurso Gerativo do Sentido a energia para que eles se transformem em processos. É ele que faz com que, no Quadrado Semiótico dos Modos de Existência do Sujeito (Figura 48), possamos ver para onde converge e de onde diverge cada posição.

A posição de repouso neste quadrado é a posição de Sujeito *Realizado*: este Sujeito está em conjunção com o objeto-valor desejado, não há, pelo menos não nos elementos abarcado por esse quadrado, motivo algum para que se desenrole a Ação. Na língua coloquial e mesmo em ciências

físicas, tomamos posições como essa, de repouso, como posições de estabilidade. No entanto, a Língua é um universo à parte, especialmente em se tratando da construção do sentido, que nada tem de físico. A estabilidade se encontra em qualquer uma das posições contrárias, ou seja, tendo esse mesmo quadrado como exemplo, tanto na posição *Realizado* quanto na posição *Virtualizado* há uma tendência a estabilização, pois são os extremos do eixo semântico, os termos que não trazem traços do oposto e que, portanto, não se misturam, a não ser numa condição, em geral fictícia, de sujeito complexo, o qual, assim como nessa Figura 48, não aparece na maioria dos quadrados semióticos que a Língua nos permite e os textos que analisamos nos levam a montar.



*Figura 48: Classificação do Sujeito, em forma de Quadrado Semiótico, baseada na sua relação com o Objeto-valor e conhecida como Quadrado dos modos de existência do Sujeito.*

Luiz Tatit (2010, p. 58), tomando este à luz da Semiótica Tensiva, mais especificamente os modos de presença e, por isso mesmo, focado nas relações, antes que nos actantes, propõe para as posições os seguintes termos:

- Realização → Plenitude;
- Potencialização → Perda;
- Virtualização → Incompletude;
- Atualização → Falta.

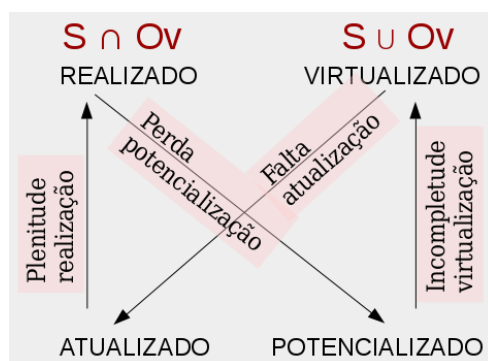


Figura 49: Quadrado dos Modos de Presença (TATIT, 2010, pg.58) embutido no Quadrado dos Modos de Existência do Sujeito.

Há uma diferença importante entre estes dois quadrados, este, das relações, e o anterior (Figura 48), dos actantes, mais especificamente do Sujeito: a potencialização é o que cria a o Sujeito Potencializado, e assim sucessivamente. A importância de perceber essa diferença é que a criação do Sujeito Realizado se dá pela Plenitude (realização) (Figura 49), o que não significa que isso vá, como esperado, satisfazer o Sujeito. Dizendo de outra forma: o Sujeito Atualizado é resultado da falta já que é a falta que motiva a atualização do sujeito; do mesmo modo, não há Sujeito Virtualizado sem que a Incompletude o transforme em um Sujeito que quer ou deve alcançar determinada conjunção.

Considerando-se esta lógica, voltamos à afirmação já textualizada acima: o Sujeito Realizado não tem motivos para mudar este status, não tem razão para lançar-se longe do seu estado de conjunção em direção a uma disjunção indesejada. Porque seria ele o ponto inicial da Narrativa? Na verdade, não é.

A potencialização do Sujeito independe de seu estado de coisa (relação com o objeto-valor), mas de um estado de alma (relação com sua própria imagem-fim). O Sujeito realizado permanece realizado se a imagem-fim, definida como sua meta, for condizente com a sua situação em relação ao objeto. Por exemplo: a Rainha sempre foi bonita, linda e elogiada diariamente pelo espelho mágico, mas sua imagem-fim era marcada pela exclusividade, de modo que nenhum tipo de competição era aceitável; o que motivou sua ira contra Branca de Neve não foi a perda do Objeto<sup>valor</sup> beleza, já que a Rainha não precisou perder sua beleza para que Branca de Neve fosse bonita; o motivo de sua ira foi, de fato, a ameaça de perda em relação à sua imagem-fim, que permitia uma – e apenas uma – mulher com esse status, conferido à Branca de Neve pelo espelho pela primeira vez em toda a vida da Rainha.

A imagem-fim é responsável por acontecimentos como este do exemplo, mas sua principal função é criar uma expectativa, um estado de espera confiante, ou simplesmente espera. Podemos, na história mesma da Branca de Neve e da Rainha, notar que a Rainha não precisava repetir a pergunta ao espelho, já que a resposta era sempre a mesma. No entanto, ela vivia em função de sua imagem-fim, ser a mulher mais linda do mundo (ou do reino, em algumas versões), o que é um estado de alma, não um estado de coisas. Imagem-fim não é objeto, beleza não era o problema, a Rainha estava segura quanto à sua própria. Nenhuma das versões por nós conhecida desta história relata que a

Rainha teria ficado feia, todas focam o fato de que Branca de Neve cresceu e transformou-se numa linda mulher. A Rainha passa por uma potencialização e virtualização abruptas quando o espelho revela que sua imagem-fim está ameaçada, a exclusividade foi perdida e a posição de mais linda já não é dela<sup>1</sup>.

Assim, notamos que a posição de *Sujeito Realizado* é marcada pelo desejo de permanência, tal como a posição de *Sujeito Virtualizado*, seu oposto, é marcada pelo desejo de transformação, daí a sensação de que um é mais estável do que o outro. Mas, quando o assunto é linguagem, a única estabilidade possível é aquela em que não há sujeitos nem objetos, o idílio neutro da completude, no qual o sujeito é o objeto de tal forma amalgamados que deixam de existir, pois deixam de fazer sentido. Então o que podemos afirmar é que os contrários são mais estáveis do que os subcontrários, pois a passagem de um contrário para um sub-contrário (sua negação) é um salto, enquanto a passagem de um subcontrário para o contrário oposto (implicação) é um deslize, um pouso.

Vale a pena dar uma olhada nas modalidades, que foram o ponto de partida do estudo das paixões, para compreender melhor essas forças.

## Paixão e modalidades

As combinações de modalidades compatíveis, no Nível Narrativo, correspondem ao valor modal e revelam tendências passionais, pois informam aspectos da disposição do Sujeito. Combinadas com o /ser/, revelam Estados de Coisas, os quais, por sua vez, subsumem Estados de Alma.

As modalidades, das quais já tratamos, no tópico V.a, compõem o conjunto  $A = \{\text{querer; dever; saber; poder; crer}\}$ . Os Estados de Alma (relações passionais) resultam das relações entre o conjunto  $A$  e o /ser/. São 9 classificações:

- /crer-ser/ e /crer-não-ser/: *certeza*,
- /saber-ser/ e /saber-não-ser/: *convicção*,
- /não-crer-não-ser/ e /não-crer-ser/: *ceticismo*,
- /não-saber-ser/ e /não-saber-não-ser/: *dubiedade*,
- /dever-ser/ e /dever-não-ser/: *necessidade*,
- /não-dever-não-ser/ e /não-dever-ser/ correspondem a *prescindibilidade*,
- /querer-ser/ e /querer-não-ser/: *vontade*,
- /não-querer-não-ser/ e /não-querer-ser/: *abnegação*,
- /poder-ser/ e /poder-não-ser/: *possibilidade*,
- /não-poder-não-ser/ e /não-poder-ser/ correspondem a *impedimento*.

O quadro da Tabela 14 apresenta as sete modalidades, suas características e seus efeitos relevantes para este momento da análise das paixões.

**Tabela 14: Quadro das 7 modalidades narrativas.**

1 Resultados secundários das análises das Brancas de Neve publicadas em MATTE, 2004.

	<b>Modalidade</b>	<b>Característica</b>	<b>Efeito sobre o Sujeito</b>	<b>Efeito passional</b>
1	Ser	Endotática	Realizante	Dissipa a espera
2	Querer	Endotática	Virtualizante	Cria a espera
3	Dever	Exotática	Virtualizante	Cria a espera
4	Crer	Exotática/Endotática	Potencializante	Cria o Sujeito
5	Saber	Endotática	Atualizante	Intensifica a espera
6	Poder	Exotática	Atualizante	Intensifica a espera
7	Fazer	Exotática	Realizante	Dissipa a espera

A tabela mapeia, em cores, uma divisão das modalidades conforme o efeito que causam no sujeito, com operações das quais resultam o quadrado semiótico da Figura 48. É fácil, então observar que o efeito passional está intimamente ligado ao efeito sobre o sujeito e que é a característica endo ou exotática que diferencia as modalidades com efeitos semelhantes.

A coluna “característica” refere-se a uma aspectualização da pessoa, por assim dizer, já que não é uma aspectualização estrito senso pois reside no Nível Narrativo: as modalidades são Objetos modais, objetos que afetam o sujeito habilitando a Ação, e essa característica define se é um movimento introceptivo ou exteroceptivo:

- São *exotáticas* as modalidades que voltam-se para fora de si, do sujeito com o outro. Assim, *dever* é um compromisso com outrém, *poder* é uma capacidade exterior, *fazer* é uma transformação externa e o *crer* é endotático quando a crença está no outro.
- São *endotáticas* as modalidades que voltam-se para si mesmo, do sujeito consigo. Assim, *querer* é um compromisso com seus próprios desejos, *saber* é dado pela perícia, prática e vivência do próprio sujeito, *ser* é resultado de uma transformação interna ao sujeito e o *crer* é endotático quando a crença reside em si mesmo.

A análise deve permitir observar sentenças dedicadas a essas modalidades, evidentemente não textualizadas em todas, mas apenas em parte das sentenças de um texto. Quando o analista escolhe, por exemplo, o *saber*, o *dS* automaticamente registra as subcategorias “característica\_modal”, “efeito\_no\_sujeito” e “efeito\_passional”. A despeito disso, se o Analista não souber dessas relações, corre o risco de escolher equivocadamente a modalidade em jogo, motivo pelo qual o *dS* mostra o quadro completo quando o analista passar o mouse sobre a opção (ou outra forma de apresentação, ainda em aberto).

## Espera

Ser ou não ser, ter ou não ter, heis a questão. Aquela imagem-fim que o Sujeito tem de si mesmo numa real ou possível posição de Sujeito Realizado cria uma expectativa de realização, conforme a modalidade em jogo. O Sujeito não existe se não houver objeto, mas isso não significa que o objeto não possa ser, ele mesmo, potencial, virtual, atual ou real. O modo de existência do Sujeito é

sempre passional se considerarmos que ele não existe sem uma crença, seja sobre si, seja sobre o Objeto, seja sobre outro Sujeito. A modalidade do /crer/ cria o Sujeito, pois é a responsável por sua potencialização através de uma perda. Esse valor negativo, esse diferencial de tensão do Sujeito em relação a algo é que o cria e poucos textos dedicam-se a explorar a potencialidade desse evento, que muitas vezes sequer é textualizado, provavelmente porque, como Sujeitos, Destinador e Destinatário – e Enunciador e Enunciatário – só aparecem se esta condição estiver presente. Não deixa de ser, no entanto, uma seara de grandes possibilidades textuais e analíticas.

A espera é fundamental para a compreensão da Paixão. Além de criar o Sujeito, ela cria uma meta, um alvo, um porvir no qual o Sujeito acredita, criando uma expectativa positiva sobre um percurso que mal começa a delinear-se quando ele é criado, mas que já pode ser previsto pelos Quadrados dos Modos de Existência e de Presença.

Podemos pensar numa paixão simples:

*texto a:* “Elenara adora caqui de chocolate. Esta semana ela começou a pensar nisso o dia todo, pois sabe que começou a estação de caquis. Então ela economizou o dinheiro da passagem, indo a pé ao trabalho a semana toda, só para poder comer muitos caquis no fim de semana.”

O percurso é único: Elenara quer caqui, tem o saber (estação de caquis) e o poder (dinheiro) para alcançar sua imagem-fim, que é entrar em conjunção (comer) com o objeto descritivo (caqui de chocolate). Durante todo esse trecho, Elenara está em estado de espera: sua imagem-fim determina suas ações (o percurso de uso de ir a pé ao trabalho para economizar o dinheiro da passagem), sua modalização (juntar o dinheiro) e, acima de tudo, sua expectativa de satisfação no final do percurso de base, que é comer caqui de chocolate.

O texto poderia continuar assim:

*texto b:* “No sábado, Elenara saiu cedo para o supermercado, escolheu os melhores caquis disponíveis e voltou para casa feliz da vida, certa de que iria realizar seu desejo.”

O texto b é uma continuação do estado de espera, mas completa sua atualização: Elenara quer comer caqui, sabe que é época de caqui, sabe onde encontrá-los, tem o poder de adquiri-los, compra os caquis – o que lhe confere o poder de comê-los. Esse Sujeito assim atualizado, do ponto de vista da Narrativa exclusivamente, não tem qualquer impedimento para realizar sua ação. O final provável seria algo como o trecho a seguir:

*texto c:* “Naquele dia, Elenara nem se preocupou em fazer almoço, afinal tudo que importava era a sobremesa. Acomodou-se no quintal de casa e passou ótimos momentos saboreando os deliciosos caquis que comprara.”

O desejo é uma paixão simples. O que aconteceria se, no lugar do texto c, nossa história continuasse como no texto d?

*texto d:* “Mal tinha aberto o portão de casa, Elenara ouviu as palavras fatídicas: não se mexa! a sacola ou a vida! Sentindo uma ponta do que parecia ser uma faca na sua nuca,



apertando, quase machucando, ela não se moveu, não disse nada, só entregou a sacola com o resto do dinheiro e todos os caquis.”

Evidentemente naquele momento Elenara percebeu que sua espera foi em vão: ela não comeria os caquis. Inúmeros desfechos são possíveis a partir dessa ruptura, e evidentemente não temos espaço aqui para elas. Parece-nos, no entanto, que é suficiente mostrar a ruptura para que o leitor perceba que a quebra da expectativa relativa a uma imagem-fim intensifica sobremaneira o modo de presença do Sujeito, que cai para uma posição anterior: se ele estava atualizado, torna-se um sujeito virtualizado com um querer mais presente e voltar a atualizar-se jamais o levará à mesma situação que se encontrava imediatamente antes da ruptura.

Essa relação intrínseca entre a imagem-fim e a espera modifica o “sabor” do percurso narrativo, conferindo-lhe aromas passionais e sobredeterminando as pressuposições e os pressupostos com uma gama maior de possibilidades que somente um exame mais cuidadoso poderá deixar entrever.

Além disso, é muito importante notar que a ruptura do percurso de uma paixão simples sempre incorre na mudança de status dessa paixão, que passa a ser parte do percurso de uma paixão complexa. Elenara poderia revoltar-se contra a falta de policiamento em seu bairro, poderia entrar em depressão frente à frustração de seus planos, poderia até mesmo concluir que seria mais fácil plantar caquis em seu quintal e esperar para colhê-los, e passar a pesquisar tipos de mudas que preferencialmente dessem frutos mais cedo. Em qualquer caso, até mesmo se Elenara entrasse num estado de desídia, apatia, ou melhor, indiferença que a fizesse apagar de sua mente o desejo pelos caquis, mesmo que momentaneamente, esse estado guardaria em si outra espera, talvez a da imagem-fim de não sofrer com esta perda, complexificando a paixão no texto.

O Sujeito Potencializado, esse actante pouco textualizado e que pode permanecer obscuro ou invisível, é a base da paixão. Ele possui as modalidades necessárias para que a paixão inicie seu percurso:

- Fidúcia: crença no outro sujeito (o /crer/ exotático);
- Imagem-fim: crença no processo (uma mistura endotática e exotática do /crer/);
- Espera: idealização do processo (o /crer/ endotático).

Desse modo, os outros três Modos de Existência do Sujeito são estágios de competência:

- S virtualizado: quer ou deve
- S atualizado: quer ou deve, pode e sabe
- S realizado: quer ou deve, pode e sabe e cumpre a performance.

A competência divide-se em competência semântica (doação de querer ou dever) e competência modal (doação de saber e poder). Assim sendo, o enunciado Modal cria a estrutura modal para o enunciado da Ação, remetendo às dimensões Cognitiva-Manipulação e Pragmática-Ação, respectivamente.

## Interface

Dada a complexidade da análise das Paixões, a recuperação de dados de outra etapas de análise nos parece essencial. Por isso a interface de análise desta etapa possui uma lista de categorias que, ao serem clicadas, abrem uma janela com as informações correspondentes para as sentenças selecionadas. Se houver diferença entre a análise de duas sentenças selecionadas simultaneamente, a janela apresenta todas as informações registradas, em sequência.

Como em todas as outras interfaces, os campos a serem preenchidos pelo Analista não são obrigatórios, sendo salvos com valor nulo quando não houver preenchimento.

A Figura 50 mostra a interface para análise da Etapa das Paixões e a Figura 51 mostra todas as categorias de análise implicadas.

Análise do texto xxx na Etapa PAIXÕES.  
Visualização por seleção de texto

Sentença 1 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla. Sentença 2 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla.

Sentença 3 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla. Sentença 4 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla. Sentença 5 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla.

Sentença 6 bla bla bla bla bla bla bla bla bla bla.

Selecione o trecho, preencha o formulário (ativado com a seleção) e salve antes de continuar.  
Para acessar as análises de outras etapas, clique sobre a etapa na lista de dados recuperáveis.  
Dados recuperáveis: Estado-Ítem | Ou tipo qualificação Ítem | Classificação modal S | Tipagem da Ação | Afetos | Aspectualização | Verificação

Imagem-Ítem:  Modo de presença   
Estado de alma:  Tipo de Paixão  Modalidade   
Característica modal (automático) Efeito modal no Sujeito (automático) Efeito passional (automático)  
Sujeito em estado de espera:  Sujeito Moralizador:   
Paixão nomeada:  Sobre emoção:   
Paixão Comentário (opcional)

SALVAR E CONTINUAR SALVAR E SEGUIR PARA O PRÓXIMO TEXTO CONCLUIR ANÁLISE DA CATEGORIA

Figura 50: Tela para análise da etapa Paixões.